

Preto no Branco e a oportunidade gerada pelo Edital Curta Afirmativo

Um relato sobre os caminhos da produção e da distribuição de *Preto no Branco*, obra fomentada pelo Edital Curta Afirmativo 2014

POR **VALTER REGE***



PRETO NO BRANCO

Preto no branco é a concretização de um projeto que levou 20 anos para se tornar realidade. Meu nome é Valter Rege, 39 anos, preto, gay e morador de uma favela chamada Vila Clara, que fica na divisa de São Paulo com a cidade de Diadema. Com 13 anos, comprei a minha primeira câmera, uma Sony HI8. Naquela época o salário mínimo era R\$ 1.300,00, parcelei a compra em 24 vezes. Eu sonhava em me tornar diretor de cinema até os 16 anos!

Na adolescência, criei um projeto que consistia em trabalhar em lugares que me deixassem próximo da arte! Somente aos 24 anos consegui uma bolsa de estudos para cursar Rádio e TV no Centro Universitário Belas Artes. Me formei aos 28, e entrei no mercado de trabalho na área de pós-produção.

Em 2014, participei do Edital Curta Afirmativo, que contemplava jovens negros para produzir, escrever e dirigir um curta-metragem. Com o auxílio da produtora executiva Maria Clara Fernandez, elaborei o roteiro e o projeto para que pudéssemos tornar real a produção de um filme com recursos financeiros do edital. Até então, só tinha produzido vídeos de forma independente.

Desde a elaboração do roteiro, estava claro o perfil de público que eu gostaria de atingir: jovens periféricos e negros em geral. A maioria dos filmes produzidos no Brasil não são escritos, dirigidos e nem protagonizados por jovens negros. Não somos retratados de forma positiva. Então, durante o processo de *Preto no branco*, busquei desmistificar a imagem do garoto de periferia retratado como um ser marginalizado e violento.

Segui pelo caminho de um protagonista ativo e com uma voz potente dentro de um ambiente opressor. Eu pensava muito na representação desse protagonista diante do olhar dos garotos de periferia.

Com a produtora Academia de Filmes e com Maria Clara Fernandez, montamos uma equipe com profissionais conceituados do audiovisual, como Felipe Hermi na fotografia, Mônica Palazzo na direção de arte e Geraldo Ribeiro na captação de áudio.

Contando com os serviços de uma grande produtora, pude ter acesso a uma rede de empresas que se interessaram em participar de um projeto idealizado por um garoto periférico.

A experiência com o cinema de guerrilha proporcionou maturidade e equilíbrio para conduzir uma equipe em um *set* profissional. Gosto de decupar, conhecer o *set* e ensaiar com os atores antes dos dias de filmagem, pois ganho tempo em locação. Foram três dias de filmagem com cinco atores. A pós-produção foi mais tranquila pois eu trabalhava na área há alguns anos, e junto com o montador, Igor Dias, finalizamos o curta-metragem em algumas semanas.

A grande dificuldade para mim como produtor foi administrar a carreira do filme em exposições e festivais. Comecei a correr atrás para entender os mecanismos de difusão. Felizmente, contei com o apoio de Leticia Mahlmeister, que tinha conhecimento sobre a exposição em festivais.

Durante o processo de espera dos resultados dos festivais pude perceber que o filme só passava em mostras muito segmentadas de cinema periférico. Em alguns

debates (com pessoas nada periféricas), comecei a perceber que as curadorias dos maiores festivais e o público que os frequenta não entendiam a representação de um protagonista preto ativo, que não precisa levar um tiro na cara para ser herói ou mártir.

Diante de tais fatos, resolvi criar um projeto paralelo aos festivais, que consistia em exibir o filme em escolas, organizações sociais e espaços alternativos. Criei a palestra *Da favela para as telas*, que visa motivar jovens através da minha experiência pessoal, e usei o filme *Preto no branco* para promover debates sobre a problemática do preconceito racial no Brasil. A iniciativa me fez refletir sobre a importância de produzir cinema com recortes específicos de público, pois a receptividade, o engajamento e a aproximação com o filme eram infinitamente mais calorosas e recíprocas. O filme foi exibido no festival Visões Periféricas, na mostra de cinema negro da APAN, no festival Cinegrada no Rio de Janeiro, na mostra de cinema de Sergipe, no festival de cinema da Índia (All Lighs) e no festival de cinema de Berlim (Interfilm).

No Canadá, o filme foi selecionado para os festivais de cinema negro de Montreal e de Toronto. Enviei projetos para várias produtoras e não obtive êxito; então, iniciei uma vaquinha *online*. Tive outros apoios e patrocínios.

Em fevereiro de 2018, viajei para Toronto e fiquei oito dias no Canadá. Pela primeira vez andei de avião, sem falar inglês, e participei do Toronto Black Film Festival! Resolvi documentar toda a experiência para motivar jovens como eu a não desistir dos objetivos, e assim nasceu o documentário *O cinema me trouxe aqui*, o meu primeiro longa-metragem. A estreia aconteceu no Centro Educacional Unificado (CEU) Caminho do Mar,

Durante o processo de espera dos resultados dos festivais pude perceber que o filme só passava em mostras muito segmentadas de cinema periférico. Em alguns debates (com pessoas nada periféricas), comecei a perceber que as curadorias dos maiores festivais e o público que os frequenta não entendiam a representação de um protagonista preto ativo, que não precisa levar um tiro na cara para ser herói ou mártir.

no cinema da Spcine, em que *Preto no branco* também foi exibido! Em novembro de 2018, o curta-metragem *Preto no branco* foi comprado pela TV Brasil.

Com toda essa odisséia, catapultada pelo curta-metragem, descobri o quanto são importantes iniciativas que tenham recortes específicos para profissionais negros. Com o auxílio do edital Curta Afirmativo, pude demonstrar as minhas habilidades no audiovisual, habilidades essas que o mercado elitista insiste em não valorizar.

Preto no branco, ao mesmo tempo que me fez desacreditar na meritocracia, me motivou a focar ainda mais nos meus objetivos, afinal, estamos nos tempos da representatividade e da representação, e o brasileiro finalmente está cobrando mais participação e equidade nas produções audiovisuais nacionais. ■

* **VALTER REGE** É FORMADO EM RÁDIO E TV PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES. EM 2015, LANÇOU O CANAL “ENERGIA POSITIVA”, POSTERIORMENTE RENOMEADO COMO “CANAL VALTER REGE”, QUE ABORDA TEMAS COMO NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E PERIFERIA. É IDEALIZADOR DA PALESTRA “DA FAVELA PARA AS TELAS”, QUE CIRCULA POR EMPRESAS, ONGS, ESCOLAS, UNIVERSIDADES E ESPAÇOS ALTERNATIVOS.